



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

URUCU, AM, 4 DE JUNHO DE 1999

*Senhora Ruth Cardoso; Senhor Governador Amazonino Mendes, do Amazonas; Senhor Governador José de Abreu Bianco, de Rondônia; Senhor Ministro de Minas e Energia, Rodolpho Tourinho; Senhores Ministros de Estado que me dão a honra da companhia; Senhores Senadores que aqui se encontram; Senhores Deputados; Senhor Líder, Senhor Presidente da Petrobras, Henri Philippe Reichstul; Senhor Prefeito de Coari, que aqui se encontra também; Senhores Petroleiros, Senhoras e Senhores,*

Eu gostaria, hoje, que cada brasileiro e cada brasileira pudesse ter sentido a mesma emoção que sinto, ao estar aqui, em Urucu, no meio da floresta amazônica, ao ver jorrar petróleo das entranhas da nossa terra amazonense.

Recordei-me, quando vi jorrar o petróleo – com aquela força, porque veio junto com o gás que nos vai servir tanto – de quando eu era menino, no Rio de Janeiro, quando, no final dos anos 30 e 40, numa casa de uma pessoa que tem relações de família comigo, o General Júlio Caetano Horta Barbosa, eu via, em cima do *étagère*, poti-

nhos de petróleo. Era quando se começava a fazer uma luta tenaz, para que o Brasil pudesse, um dia, ter uma produção de petróleo.

Participei dessa luta, ao lado de meu pai, que foi um dos chamados generais do petróleo, do Centro de Estudos de Defesa do Petróleo, de um dos quais, o de São Paulo, fui tesoureiro. E pelo que fui processado, em 64, como se fora subversivo buscar petróleo no Brasil.

Hoje, Presidente da República, venho aqui e vejo esse petróleo jorrande de uma terra que é a terra da minha mãe, que é o Amazonas. Por certo, nem todos os brasileiros terão esses ingredientes de ordem pessoal para sentir a mesma emoção que senti. Mas todos eles, homens ou mulheres, sentiriam a mesma emoção sobrevoando a Amazônia, como sobrevoamos hoje, descendo em Tefé, tomando um avião de menor porte para chegar até aqui. E, ao chegar aqui, verificarmos a qualidade do trabalho feito pela Petrobras, a capacidade que teve essa empresa – e tem – de, ao mesmo tempo, descobrir províncias petrolíferas, explorá-las, explorar o gás e de entender que, no mundo de hoje, tudo tem que ser feito com respeito ao meio ambiente, e esse certificado ISO-14000 é algo raríssimo. Mostra, efetivamente, o quanto este país não apenas tem potencialidade, mas já está realizando.

Por isso, digo e repito, é pena que cada brasileiro e cada brasileira não pudesse estar aqui, hoje, neste sol de que o Governador Amazônico reclama, mas que eu, um pouquinho mais escuro que ele, nem me preocupo, para sentir a emoção que nós estamos sentindo neste instante. E para reafirmar em todos nós a confiança no Brasil.

O que foi dito, pelos que me precederam com o uso da palavra, é mais do que suficiente para mostrar as transformações que estão ocorrendo no Brasil. O Ministro Tourinho mostrou um conjunto de atividades que nós estamos fazendo na área energética. O Brasil mudou a sua matriz energética. O Brasil se abriu, foi buscar gás na Bolívia, foi buscar gás e petróleo na Argentina. Ia buscar gás na Venezuela. Está buscando energia hidrelétrica na Venezuela. Já o havia feito no Paraguai. Está fazendo com a Argentina.

Enfim, abrimos a nossa matriz energética, no sentido de que o Brasil faz parte da América do Sul, e, hoje, o nosso futuro está inte-

grado pelo Mercosul, pela convergência de interesses que nos unem. E o Brasil, hoje, faz isso tudo com a tranqüilidade de um país que tem, entre os seus vizinhos, apenas amigos. E não tem nenhum temor de entrar em relação com eles.

O Doutor Menezes, que aqui está, e que hoje é diretor da Petrobras, estava comigo, como alguns outros, na fronteira do Brasil com a Bolívia, no dia em que, simbolicamente, fiz algo semelhante a isso, que foi fazer com que o gás, que vinha da Bolívia, pudesse começar a ser encaminhado no gasoduto que, hoje, já está ligando a Bolívia a São Paulo e que, amanhã, estará até o Rio Grande do Sul. Mudança significativa. Os números já foram ditos pelo Doutor Tourinho, não preciso repeti-los.

Mas sempre tive uma preocupação. – essa, o Governador Amazonino Mendes reafirmou aqui –, a preocupação de que esse desenvolvimento fosse cada vez mais igualitário no Brasil, que atendesse, cada vez mais, ao conjunto das regiões brasileiras e, portanto, ao conjunto do povo brasileiro e que chegasse às regiões mais remotas e também às mais pobres. Pouco valerá para nós um desenvolvimento que apenas concentre a renda. A tendência é inequívoca de concentração. Cabe à ação pública desconcentrar, o quanto possível, as fontes dessa renda. É por isso que a região amazônica, é por isso que a Região Centro-Oeste, hoje, têm uma prioridade natural nos projetos de governo.

Todos aqueles que se deram ao trabalho de ver o que estamos, realmente, realizando na transformação da infra-estrutura básica da produção brasileira, verão que o grosso das atividades se orienta estrategicamente nessa direção. Quando o Brasil tomar consciência do que vai ser feito – e aqui já foi referido – a partir do plano que se chama – sempre esses nomes que não são os mais bonitos – PPA, mas que é um plano que vai nos permitir guiar os nossos eixos de desenvolvimento pelos próximos anos, vai ver que, outra vez, estamos com essa forte preocupação regional. E que essa forte preocupação regional já começa a ser realidade na Região Amazônica.

A BR-174 é uma estrada – e devo muito ao Governador Amazonino Mendes e ao Governador Neudo Campos a realização dessa estrada, que é federal, mas foi feita com recursos muitas vezes estaduais e promessas federais que serão cumpridas – que já une Manaus a Boa Vista e Boa Vista a Caracas. Vamos fazer o que nós chamamos do Arco Norte. As regiões do Amapá, assim como as regiões de Roraima, estarão mais próximas das Guianas e, portanto, do Caribe. Será mais fácil escoar a produção dos nossos grãos, que vai se estender, progressivamente, nesta Região Norte do Brasil.

Vi, com emoção, o início do transbordo dos grãos produzidos no centro do Brasil, em Mato Grosso, em Rondônia, em Porto Velho, onde, de um terminal graneleiro, por barcas que andam pelo rio Madeira afora, chegarão até Itacoatiara. Estive lá, também, em Itacoatiara para ver o primeiro embarque de grãos para a Europa. O potencial de manipulação e de desenvolvimento da cultura da soja e outras culturas de grãos é imenso nesta região. E mais e mais terras serão incorporadas. As hidrovias estão sendo construídas. Esta, do Madeira, já está em funcionamento. Haverá outras, que estão em marcha, como a do Araguaia/Tocantins, como a do São Francisco. Tudo na mesma direção de aumentar a potencialidade produtiva do nosso país.

E, hoje, aqui estamos com o gás propiciando a solução do problema energético da Amazônia Ocidental, levando o gás a 500 quilômetros daqui, diretamente, me disse o Governador Bianco, daqui, de Urucu, para Porto Velho, amanhã, de Coari, irá para Manaus. Depois, se estenderá para as cidades desta região. Com isso, teremos a possibilidade da continuidade de implantação de uma base produtiva. E sempre, sempre, com a preocupação do meio ambiente. Sempre tendo em vista que qualquer árvore que se destrua precisa ser replantada, como aqui já se vê.

Sempre há que ver que as emissões do carbono terão que ser corrigidas, mostrando ao Brasil e ao mundo, para evitar qualquer cobiça sobre esta Amazônia, que é nossa, que somos os que mais nos preocupamos com a Amazônia. Nós nos preocupamos com a Amazônia,

não no sentido de deixá-la intocada, mas no sentido de, ao tocá-la, transformá-la em uma fonte de vida, fonte de riqueza, fonte de energia e não fonte de tristeza provinda da destruição, quando o desenvolvimento é feito sem aquela preocupação necessária do que signifique o respeito ao meio ambiente.

Mas não é só nisso. Nas fontes mais convencionais de energia, os que forem ao Pará, no outro lado da Amazônia, verão que, pela primeira vez, os paraenses, que produziam a energia em Tucuruí, energia que gerava para o Maranhão do Ministro José Sarney Filho, vão também, sem prejuízo do Maranhão, estado que muito quero, produzir energia para ser utilizada nas casas e nas usinas e onde mais seja do Estado do Pará. Fui a Altamira, para inaugurar o primeiro trecho da transmissão de energia elétrica de Tucuruí até Altamira. Pois bem, hoje já passa por Santarém e já segue adiante, para Ituberaba. Já existe energia elétrica disponível para o povo do Pará.

As estradas, com muita dificuldade, é verdade, estão sendo feitas ou projetadas. A 163, a 369, 364, as estradas todas que são necessárias para que haja uma integração maior desta imensa região. Quando se olha o mapa do Brasil se vê que esta região a ser incorporada, e que está sendo, progressivamente, ao conjunto do país, contém dois terços do país. O grande desenvolvimento que nós tivemos basicamente se concentrou em um terço do país. Temos que abrir os horizontes e temos que incorporar o conjunto do país a esse esforço de reconstrução.

Mas, também, foi dito aqui que esses 165 bilhões de reais, previstos como investimento para os próximos anos – e uma boa parte deles, a imensa maioria, virá do capital privado –, não se referem apenas a obras de infra-estrutura, no sentido físico. Educação e saúde são a preocupação permanente e obsessiva do meu governo e dos nossos governos, porque é uma preocupação permanente e obsessiva do povo brasileiro.

Quando vi a oportunidade de, em vez de trazer gás da Venezuela para cá, utilizar o gás de Urucu; quando vi a possibilidade de, em vez de tudo ser feito pelo plano federal, compartilharmos com os planos estaduais parte das tarefas de desenvolvimento; quando vi a oportuni-

dade de, sem prejuízo para a Petrobras, pelo contrário, empresa essencial para o crescimento do Brasil, fazer com que a Petrobras se irmanasse a outras empresas, ou com elas competisse, para que nós pudéssemos continuar adiante o desenvolvimento, não hesitei em tomar esse rumo.

É por isso, Senhoras e Senhores, que, hoje, quem está de parabéns é o povo da Região Amazônica, é o povo do Amazonas, é o povo de Rondônia, são os trabalhadores, que se embrenharam nessa selva e que transformaram esse pedacinho de selva em algo tão agradável, que até essa friagem que nos chegou, hoje, creio que foi pré-fabricada.

É, realmente, a essa gente trabalhadora que o Brasil deve o que fez até hoje e o muito que vai fazer. E tenho certeza, certeza absoluta, que foi reafirmada nesse gesto simbólico de ver jorrar o petróleo, de plantar uma árvore e de ver que há um certificado de ISO-14000, de preservação do meio ambiente, ao ver tudo isso, tenho certeza de que nada, nada mesmo, vai segurar o nosso crescimento e o nosso desenvolvimento. Mas esse crescimento e esse desenvolvimento serão feitos prestando sempre atenção às condições de sustentabilidade. Para que eles não destruam a natureza e para que eles não destruam o equilíbrio macroeconômico. Há a necessidade de nós termos uma economia que seja, também, estável, para que eles não tenham o preço da inflação, que destrói a economia popular. Pelo contrário: vamos juntar todos os esforços, vamos manter a economia popular, vamos manter a rigidez necessária no orçamento público. Mas teremos a imaginação, a firmeza e a competência para seguir adiante, como nós estamos vendo aqui.

Amanhã – passarei esta noite aqui, numa reserva de Mamirauá – voltarei a Brasília. Cada vez que penetro por esse Brasil afora, sobretudo nas regiões amazônicas, e vejo o que já se fez e o muito que há por fazer, volto a Brasília com mais energia, para continuar governando o Brasil.

Muito obrigado a todos.